

IV - TOPOGRAFIA E DINÂMICA DA REPRESSÃO

Chegamos à conclusão de que a repressão constitui essencialmente um processo que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas *Ics.* e *Pcs.* (*Cs.*). Podemos fazer agora uma nova tentativa de descrever o processo com maiores detalhes.

Deve tratar-se de uma *retirada* da catexia; mas a questão é: em que sistema ocorre a retirada e a que sistema pertence a catexia retirada? A idéia reprimida permanece capaz de agir no *Ics.*, e deve, portanto, ter conservado sua catexia. O que foi retirado deve ter sido outra coisa. [ver em [1] e [2], adiante.] Tomemos o caso da repressão propriamente dita ('pressão posterior') [ver em [1]], quando afeta uma idéia pré-consciente ou mesmo consciente. Aqui, a repressão só pode consistir em retirar da idéia da catexia (pré)-consciente que pertence ao sistema *Pcs.* A idéia, portanto, ou permanece não catexizada, ou recebe a catexia do *Ics.*, ou retém a catexia do *Ics.* que já possuía. Assim, há uma retirada da catexia pré-consciente, uma retenção de catexia inconsciente, ou uma substituição da catexia pré-inconsciente por uma inconsciente. Notemos, além disso, que baseamos essas reflexões (por assim dizer, intencionalmente) na suposição de que a transição do sistema *Ics.* para o sistema seguinte não se processa pela efetuação de um novo registro, mas por uma modificação em seu estado, uma alteração em sua catexia. Aqui, a hipótese funcional anulou facilmente a topográfica. [Ver, acima, em [1] e [2].]

Mas esse processo de retirada da libido não é suficiente para tornar compreensível uma outra característica da repressão. Não está clara a razão por que a idéia que permaneceu catexizada ou que recebeu a catexia do *Ics.*, não deve, em virtude de sua catexia, renovar a tentativa de penetrar no sistema *Pcs.* Se pudesse fazê-lo, a retirada da libido dessa idéia teria de ser repetida e o mesmo desempenho se processaria interminavelmente; o resultado, porém, não seria a repressão. Da mesma forma, quando se trata de descrever a repressão *primeva*, o mecanismo da retirada da catexia pré-consciente, que acabamos de examinar, deixaria de atender ao caso, pois aqui estamos lidando com uma idéia inconsciente que ainda não recebeu *qualquer* catexia do *Pcs.* e, portanto, não pode ter essa catexia retirada dela.

Necessitamos, por conseguinte, de outro processo que, no primeiro caso, mantenha a repressão [isto é, o caso da pressão posterior] e, no segundo [isto é, o da repressão *primeva*], assegure o seu estabelecimento e continuidade. Esse outro processo só pode ser encontrado mediante a suposição de uma *anticatexia*, por meio da qual o sistema *Pcs.* se protege da pressão que sofre por parte da idéia inconsciente. Veremos, por meio de exemplos clínicos, como tal anticatexia, atuando no sistema *Pcs.*, se manifesta. É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão *primeva*, garantindo, igualmente, a permanência dessa repressão. A anticatexia é o único mecanismo da repressão *primeva*; no caso da repressão propriamente dita ('pressão posterior') verifica-se, além disso, a retirada da catexia do *Pcs.* É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da idéia a utilizada para a anticatexia.

Vemos como gradativamente fomos levados a adotar um terceiro ponto de vista em nosso relato dos fenômenos psíquicos. Além dos pontos de vista dinâmico e topográfico [ver em [1]], adotamos o *econômico*. Este se esforça por levar até as últimas consequências as

vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa *relativa* de sua magnitude.

Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação *metapsicológica*. Devemos afirmar, de imediato, que no presente estado de nosso conhecimento há apenas alguns pontos nos quais essa tarefa terá êxito.

Esforcemo-nos tentativamente por apresentar uma descrição metapsicológica do processo de repressão nas três neuroses de transferência que nos são familiares. Aqui podemos substituir 'catexia' por 'libido', porque, como sabemos, estaremos lidando com as vicissitudes dos impulsos sexuais.

Na histeria da ansiedade, uma primeira fase do processo é comumente desprezada e talvez, de fato, passe despercebida; mediante detida observação, contudo, ela pode ser claramente discernida. Consiste no surgimento da ansiedade sem que o indivíduo saiba o que teme. Devemos supor que determinado impulso amoroso se encontrava presente no *Ics.*, exigindo ser transposto para o sistema *Pcs.*; mas a catexia a ele dirigida a partir desse último sistema retrai-se do impulso (como se se tratasse de uma tentativa de fuga) e a catexia libidinal inconsciente da idéia rejeitada é descarregada sob a forma de ansiedade.

Por ocasião de uma repetição (caso haja repetição) desse processo, dá-se o primeiro passo no sentido de dominar o desenvolvimento importuno da ansiedade. A catexia [do *Pcs.*] que entrou em fuga se apega a uma idéia substitutiva - que, por um lado, se relaciona por associação à idéia rejeitada e, por outro, escapa à repressão em vista de sua distância daquela idéia. Essa idéia substitutiva um 'substituto por deslocamento' [ver em [1]] - permite que o desenvolvimento, até então desinibido, da ansiedade seja racionalizado. Ela passa a desempenhar o papel de uma anticatexia para o sistema *Cs.* (*Pcs.*), protegendo-o contra uma emergência da idéia reprimida no *Cs.* Por outro lado, é, ou age como se fosse, o ponto de partida para a liberação do afeto revestido de ansiedade, que agora se tornou inteiramente desinibida. A observação clínica revela, por exemplo, que uma criança que sofre de uma fobia animal experimenta ansiedade sob duas condições: em primeiro lugar, quando seu impulso amoroso reprimido se intensifica e, em segundo, quando percebe o animal que teme. A idéia substitutiva atua, no primeiro caso, como um ponto em que há uma passagem através do sistema *Ics.* para o sistema *Cs.*, e, no outro, como uma fonte auto-suficiente para liberação da ansiedade. A extensa preponderância do sistema *Cs.* em geral se manifesta no fato de que a primeira dessas duas modalidades de excitação da idéia substitutiva dá cada vez mais lugar à segunda. A criança talvez possa vir a se comportar como se não tivesse absolutamente qualquer predileção pelo pai, tornando-se inteiramente livre dele, e como se seu medo do animal fosse um temor real - exceto, porém, se esse medo do animal, alimentado, como é, a partir de uma fonte instintual inconsciente, mostre ser inexorável e exagerado em face de todas as influências oriundas do sistema *Cs.* postas em ação, denunciando com isso sua derivação do sistema *Ics.* - Na segunda

fase da histeria de ansiedade, portanto, a anticatexia proveniente do sistema Cs. leva à formação do substituto.

Em breve o mesmo mecanismo encontra nova aplicação. O processo de repressão, como sabemos, ainda não está completo, encontrando uma finalidade posterior na tarefa de inibir o desenvolvimento da ansiedade proveniente do substituto. Isto é alcançado pelo fato de que todo o ambiente associado da idéia substitutiva é catexizado com intensidade especial, exibindo, assim, um elevado grau de sensibilidade à excitação. A excitação de qualquer ponto dessa estrutura externa, dada sua ligação com a idéia substitutiva, deve, inevitavelmente, dar lugar a um ligeiro desenvolvimento da ansiedade; isso passa a ser utilizado como um sinal para inibir, por meio de uma nova fuga da catexia [do *Pcs.*], o progresso posterior do desenvolvimento da ansiedade. Quanto mais distantes do substituto temido as sensíveis e vigilantes anticatexias estiverem situadas, com maior precisão poderá funcionar o mecanismo destinado a isolar a idéia substitutiva e a protegê-la de novas excitações. Essas precauções, naturalmente, limitam-se a resguardar a idéia substitutiva de excitações que vêm de fora, através da percepção; nunca a protegem da excitação instintual, que alcança a idéia substitutiva a partir da direção de seu elo com a idéia reprimida. Assim, as preocupações não começam a atuar até que o substituto tenha assumido satisfatoriamente a representação do reprimido, e jamais podem atuar de maneira inteiramente fidedigna. A cada aumento da excitação instintual, a muralha protetora em torno da idéia substitutiva deve ser deslocada um pouco mais para fora. À totalidade dessa construção, que é erigida de forma análoga nas demais neuroses, denominamos *fobia*. A fuga de uma catexia consciente da idéia substitutiva se manifesta nas evitações, nas renúncias e nas proibições, por meio das quais reconhecemos a histeria de ansiedade.

Fazendo um levantamento de todo o processo, podemos dizer que a terceira fase repete o trabalho da segunda numa escala mais ampla. O sistema Cs. se defende agora da ativação da idéia substitutiva por meio de uma anticatexia do seu ambiente, da mesma maneira pela qual, anteriormente, se defendia da emergência da idéia reprimida por meio de uma catexia da idéia substitutiva. Desse modo, prossegue a formação de substitutos por deslocamento. Devemos também acrescentar que, embora o sistema Cs. só disponha, de início, de uma pequena área na qual o impulso instintual reprimido pode irromper, a saber, a idéia substitutiva, em última instância esse *enclave* da influência inconsciente se estende a toda a estrutura externa fóbica. Além disso, podemos dar ênfase à interessante consideração de que, pondo-se assim em ação todo o mecanismo defensivo, consegue-se projetar para fora o perigo instintual. O ego comporta-se como se o perigo de um desenvolvimento da ansiedade o ameaçasse, não a partir da direção de um impulso instintual, mas da direção de uma percepção, tornando-se assim capaz de reagir contra esse perigo externo através das tentativas de fuga representadas por evitações fóbicas. Nesse processo, a repressão é bem-sucedida num ponto particular: a liberação da ansiedade pode, até certo ponto, ser represada, mas somente à custa de um pesado sacrifício da liberdade pessoal. Via de regra, porém, as tentativas de fuga às exigências do instinto são inúteis, e, apesar de tudo, o resultado da fuga fóbica permanece insatisfatório.

Grande parte daquilo que verificamos na histeria de ansiedade também é válido para as

duas outras neuroses, de modo que podemos limitar nosso exame a seus pontos de diferença e ao papel desempenhado pela anticatexia. Na histeria de conversão, a catexia instintual da idéia reprimida converte-se na inervação do sintoma. Até que ponto e em que circunstâncias a idéia inconsciente é esvaziada por essa descarga na inervação, de modo a suspender a pressão que exerce sobre o sistema Cs. - essas e outras perguntas semelhantes devem ser reservadas para uma investigação especial da histeria. Na histeria de conversão o papel desempenhado pela anticatexia proveniente do sistemas Cs. (*Pcs.*) é nítido e se torna manifesto na formação do sintoma. É a anticatexia que decide em que porção do representante instintual pode concentrar-se toda a catexia do último. A porção assim escolhida para ser um sintoma atende à condição de expressar a finalidade impregnada de desejo do impulso instintual, bem como os esforços defensivos ou punitivos do sistema Cs. na repressão não precisa ser tão grande quanto a mantida, de ambas as direções, como a idéia substitutiva na histeria de ansiedade. Dessa circunstância podemos concluir sem hesitação que a quantidade de energia despendida pelo sistema Cs. na repressão não precisa ser tão grande quanto a energia catexial do sintoma, pois a força da repressão é medida pela quantidade de anticatexia despendida, ao passo que o sintoma é sustentado não somente por essa anticatexia, como também pela catexia instintual oriunda do sistema *Ics.* que se acha condensada no sintoma.

Quanto à neurose obsessiva, só precisamos acrescentar às observações formuladas no artigo anterior [ver em [1] e segs.] que é aqui que a anticatexia proveniente do sistema Cs. se coloca da forma mais conspícua no primeiro plano. É isso que, organizado como uma formação de reação, provoca a primeira repressão, constituindo depois o ponto no qual a idéia reprimida irrompe. Podemos aventurar a suposição de que é devido à predominância da anticatexia e à ausência de descarga que o trabalho de repressão parece muito menos bem-sucedido na histeria de ansiedade e na neurose obsessiva do que na histeria de conversão.